

Decadência com elegância: estética e consumo da habitação em tempos de crise

Decadence with elegance: aesthetics and housing consumption in times of crisis

Decadencia con elegancia: estética y consumo de vivienda en tiempos de crisis

*Ana Elísia da Costa, Doutora em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: ana_elisia_costa@hotmail.com*

Resumo

Frente a uma crise global e disciplinar, parte da cultura arquitetônica e urbanística contemporânea persegue um “senso de economia”. Esse mesmo senso poderia se relacionar com a precariedade ou com a “atmosfera decadente” observada em refuncionalizações de edifícios abandonados em áreas degradadas? Como a precariedade, o provisório, a decadência e a obsolescência “atravessam” as disciplinas arquitetônicas e urbanísticas, suas regras e seus *modi operandi*? Como esses conceitos operam sobre a realidade e são moldados por ela? Guiado por essas questões, o estudo ensaia uma reflexão sobre a “decadência” como fenômeno estético e de consumo e avalia como ele impacta a oferta habitacional em requalificações de áreas pós-industriais. São discutidas a origem do fenômeno, sua incidência sobre as disciplinas e sua cooptação pelo sistema de consumo que, ao criar o desejo de viver “o e no precário”, condiciona a oferta de habitação e processos de gentrificação urbana. Espera-se que a reflexão amplie discussões sobre a condição contemporânea da Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Decadência; Estética; Consumo; Habitação; Áreas pós-industriais.

Abstract

Faced with a global and disciplinary crisis, part of contemporary architectural and urban culture follows a “sense of economics”. Can this same sense be related to a precariousness or to a “decadent atmosphere” observed in the refunctionalisations of abandoned buildings in degraded areas? How precariousness, provisional, decadence, obsolescence “cross” architectural and urbanistic disciplines, their rules

and their operation modes? How do these concepts operate on reality and are shaped by it? Guided by these questions, the study rehearses a reflection on the "decadent" as an aesthetic and consumption phenomenon, and evaluates how this impact the housing supply in post-industrial areas requalifications. The origin of the phenomenon, its impact on the disciplines and its co-option by the consumption system are discussed, when creating a desire to live "the and in precarious", conditions the housing supply and urban gentrification processes. It is expected that the reflection will expand discussions on contemporary conditions of Architecture and Urbanism.

Keywords: Decadence; Aesthetics; Consumption; Housing; Post-industrial areas.

Resumen

Frente a una crisis global y disciplinaria, parte de la cultura arquitectónica y urbana contemporánea persigue un "sentido de la economía". ¿Podría este mismo sentido estar relacionado con la precariedad o la "atmósfera decadente" observada en las refuncionalizaciones de edificios abandonados en áreas degradadas? ¿Cómo la precariedad, la provisionalidad, la decadencia, la obsolescencia "cruzan" las disciplinas arquitectónicas y urbanas, sus reglas y su *modi operandi*? ¿Cómo estos conceptos operan en la realidad y son moldeados por ella? Guiado por estas cuestiones, el estudio ensaya una reflexión sobre lo "decadente" como un fenómeno estético y de consumo y evalúa cómo impacta la oferta de viviendas en las recalificaciones de áreas posindustriales. Se discute el origen del fenómeno, su impacto en las disciplinas y su cooptación por el sistema de consumo, lo que, al crear el deseo de vivir "lo y en lo precario", condiciona los procesos de oferta de vivienda y gentrificación urbana. Se espera que la reflexión amplíe las discusiones sobre la condición contemporánea de la arquitectura y el urbanismo.

Palabras clave: Precario; Estética; Consumo; Alojamiento; Áreas posindustriales.

INTRODUÇÃO

Pobreza, guerras, êxodos, catástrofes, pandemias. É tempo de crise! Com ela e a partir dela, a Arquitetura e o Urbanismo retomam o tema da “crise disciplinar”. Apesar de já apontada em outros momentos da história, a crise atual ganha contornos mais dramáticos pelo reconhecimento de parte da responsabilidade dessas disciplinas pelo cenário caótico em que nos encontramos.

Em um recente estudo sobre a pandemia, Boaventura de Sousa Santos (2020) aponta que crise deveria ser entendida como uma condição de anormalidade a ser superada, mas que a sociedade atual vive uma “crise permanente”, instalada pelo neoliberalismo desde os anos 1990. De fato, desde então, a cidade vem sendo eleita como lugar privilegiado para a circulação do capital e a habitação transformada em mercadoria (HARVEY, 2006) e tem se aprofundado uma crise disciplinar, entendendo-a como um processo em que, dialeticamente, confrontam-se forças que sugerem o apego ao passado e a necessidade de construir um novo começo (MARQUES, 2019).

Esse confronto na atualidade da Arquitetura e Urbanismo, segundo Pierre Chabrad (2019), pode ser representado por dois “campos” que, apesar de aparentemente antagônicos, buscam explorar um mesmo “*ethos* da austeridade”, por ele entendido como um senso de economia adotado como parte das respostas aos problemas contemporâneos. Um campo atua “dentro” das próprias disciplinas. Num plano mais teórico, pesquisa soluções “econômicas” - desprovidas de estilo, silenciosas e anônimas - que emergem das próprias regras disciplinares consolidadas ao longo do tempo, sacralizando-as. O outro campo atua “fora dos muros”, em projetos socioculturais, construções ecológicas e *low tech*, agricultura urbana, economia solidária e cooperativas. Valorizam ações multidisciplinares, colaborativas e participativas, sugerindo a construção de novas práticas profissionais. Negam a sacralização do objeto e sua fantasia formal e buscam soluções socialmente “justas” o que, por vezes, autoriza a adoção de soluções baratas e precárias que relativizam o *firmitas* vitruviano. O senso de economia de Chabrad (2019), portanto, possui dimensões não só estéticas, mas, também, éticas.

Sem hierarquizar esses dois “campos”, Chabrad (2019) observa que ambos atribuem um “papel social” à atuação profissional. Ambos partem das incertezas do real e buscam transformá-lo, seja a partir da reflexão, seja a partir da ação. Pensar esses dois campos de modo transversal, para o autor, é um modo de melhor compreender a arquitetura e o urbanismo contemporâneos que constroem vias múltiplas, simultâneas e, por vezes, contraditórias.

Nessa perspectiva, como pensar a habitação contemporânea em tempos de crise disciplinar? Mais especificamente, como pensá-la quando emerge de reabilitações de pré-existências arquitetônicas e urbanísticas que, com certo modismo, tem assumido um senso de economia expresso em uma atmosfera *decadente*? Nesses casos, parte-se do pressuposto de que haja uma dimensão “dentro-fora” ou um “entre”, em que podem estar sobrepostas forças da disciplina, derivadas da concepção técnica e compositiva das pré-existências, e forças fora dela, que ignoram normativas de intervenção consolidadas e desenvolvem propostas que podem tanto recuperar imagens passadas, reinterpretando o objeto, como tensioná-las ou até descaracterizá-las. São exemplos de vias múltiplas e

contraditórias da arquitetura contemporânea e, portanto, privilegiados e instigantes objetos de análise.

A partir de tais projetos, especialmente em áreas pós-industriais, o artigo pretende ensaiar reflexões de natureza estéticas-éticas. O *decadente* é abordado não só como fenômeno estético, mas também como um fenômeno de consumo que, como tal, tem implicações éticas. São levantadas reflexões sobre a origem do fenômeno estético “fora” da disciplina, junto a movimentos culturais, e seus impactos sobre regras e *modi operandi* do patrimônio, planejamento urbano e projeto. A sua cooptação como fenômeno de consumo, por outro lado, leva à reflexão sobre o desejo criado de viver “o e no decadente” e como este vem impactando a oferta de habitação e promovendo processos de gentrificação urbana.

A reflexão é ilustrada pela área pós-industrial da freguesia de Marvila, em Lisboa, objeto de estudo de uma pesquisa em andamento¹. Após longo abandono, a área vem se popularizando como pólo cultural “alternativo”, reproduzindo um fenômeno que também pode ser ilustrado por inúmeros outros casos no mundo globalizado atual.

Ao pensar o tema *decadente* de modo transversal, entre a estética e o consumo, entre sua emergência e seu oportunismo, espera-se problematizar algumas questões inerentes ao “dentro” e “fora” dos campos disciplinares. Sem perseguir respostas, espera-se que a formulação de novas perguntas possam ajudar a refletir sobre a cultura urbana e arquitetônica contemporânea e sua “crise”.

O DECADENTE: SER E CONSUMIR

A palavra *decadente* possui, aqui, alguma imprecisão, por isso é apresentada em itálico ao longo do texto. Procura-se escapar do seu enquadramento nos modismos do *design* de interiores que usam termos também pouco precisos, como “estilo industrial”, “industrial-chic” ou “vintage industrial” (POTESTAD; PASCAL, 2014). Considera-se que esses termos nem sempre possuem relação com o reuso de espaços pré-existent e são apenas uma das manifestações superficiais de um fenômeno de consumo mais amplo e complexo. Aqui, o *decadente* não se prende ao estado de conservação das pré-existent (Figura 1), mas às expressões estéticas que decorrem das intervenções sobre elas. Se prende a um senso de economia que, de modo transgressor, autoriza o uso de materiais provisórios e a permanência de elementos em estados de conservação precário, como será melhor discutido. Esse senso de economia refuta, portanto, o minimalismo do “*less is more*” modernista, quanto do “*enough is enough*” contemporâneo,² explorados normalmente pelos que atuam “dentro” do campo disciplinar. Assim, o *decadente* aqui tratado tem como sinônimos o provisório, a obsolescência, ou seja, o que é instável e frágil.

1 Pesquisa de pós-doutoramento, iniciada em 2019, junto ao ISCTE-IUL, em Lisboa, sob orientação de Paulo Tormenta.

2 Termo cunhado por Pier Vittorio Aureli que critica tantos os modismos minimalistas, quanto as econômicas intervenções daqueles que atuam “fora” do campo disciplinar (CHABRAD, 2019).

Tais adjetivos também são atribuíveis à condição contemporânea de instabilidade, o que permite posicionar o fenômeno estético como uma das expressões dessa condição. Com valores e símbolos em constante mutação e amplo acesso à informação, essa condição impõe uma sensação de “permanente crise” (SANTOS, 2020; MARQUES, 2019).



Figura 1: Pavilhões abandonados. Marvila – Lisboa. Fonte: Acervo da autora.

Também ilustram essa condição as recentes transformações da noção pragmática e simbólica de casa, seja como abrigo, seja como lar. Recomposição de núcleos familiares tradicionais, emergência de grupos sociais, imposição de novos modos de morar e trabalhar impulsionados pela tecnologia da informação ou, ainda, a crescente reivindicação de acesso à habitação por diferentes extratos sociais podem ser elencados como fatores que têm imposto novos modos de morar e a consequente necessidade de reinvenção ou flexibilização do espaço de habitar.

Entre permanentes e efêmeras, acolhedoras e inabitáveis (AGAMBEM, 2019), as casas que surgem do reuso ou refuncionalização de lugares-outros ou de velhos edifícios também podem ser outra ilustração da condição de instabilidade contemporânea, o que o artigo procura dar ênfase. O reuso em si relativiza a importância da “função” e, consequentemente, de um dos princípios mais caros à concepção arquitetônica moderna, ou seja, aquele em que a “forma segue a função” (MARQUES, 2019).

Por outro lado, essas intervenções, ao explorarem a *decadência*, os gestos mínimos, os materiais baratos e a aceitação da obsolescência dos estados de conservação, relativizam também o papel de outra grande sustentação disciplinar — o *firmitas* vitruviano! (Figura 2). Esse gesto, por sua vez, permite questionar se também não possui motivações enlaçadas à noção de instabilidade. Estaria explícito, aí, o desejo de colocar o projeto e as intervenções em suspensão, como dados “provisórios”, abertos no tempo e espaço e sucetíveis à uma contínua revisão e aprimoramento, como sugere a utopia experimental de Lefebvre

(2011)?³ Estaria sendo buscada uma outra estética como uma promessa de um futuro alternativo que foi perdido na contemporaneidade (HUYSSSEN, 2006)?



Figura 2: Antiga fábrica Abel Pereira da Fonseca. Hoje, Lisbon WorkHub. Serralvarez Arquitectos, 2016. *Marvila – Lisboa*. Fonte: Acervo da autora.

Independente das suas motivações culturais, parece importante observar que o reúso e as intervenções *decadentes* passaram a ser rapidamente assimiladas e adaptadas pelo mercado. Se o reúso representa alguma permanência do edificado e dos valores a ele associados, a precariedade das intervenções, ao relativizar a ideia do duradouro, veio ao encontro da cultura de descarte que sustenta o consumo contínuo capitalista (MARQUES, 2019).

A adoção da estética *decadente*, portanto, pode trazer em si contradições. É um tema que se legitima por emergir da própria condição da cultura contemporânea e que, de modo mais explícito, seduz aos que militam “fora dos muros”. Por outro lado, também é um tema que pode ter uma conotação oportunista derivada do sistema dominante de consumo, o que levaria a alguns que militam “dentro” da disciplina a proclamarem que a sua adoção é uma derrota ao capitalismo predatório, como sugere o crítico Pier Vittorio Aureli (CHABRAD, 2019).

Transpondo essas posições extremadas, outras disciplinas, como a Geografia e a Filosofia, apontam para cautelas necessárias. David Harvey (2006), por exemplo, surge a vigília constante de nossas práticas e reflexões, pois o poder dominante é hábil em cooptar movimentos emergentes “cheios de boas intenções” para que, na sequência, sejam substituídos por outros a serem consumidos como “novos”. Da

3 Sabendo que a “realidade imaginada” nunca será manejável, controlada, o autor propõe que os projetos sejam experimentados na práxis, estudando de modo incessante os seus contextos conceituais, suas implicações e consequências. Não se tem, portanto, sínteses efetivas, mas reconstruções nunca acabadas, um objeto virtual aproximado a partir de dados experimentais. (LEFEBVRE, 2011)

necessidade dessa vigília, deriva a análise do reuso habitacional e das intervenções *decadentes*, buscando refletir sobre suas origens, implicações e consequências.

A ESTETIZAÇÃO DA RUÍNA

O gosto pela estética *decadente* pode ter suas origens nos movimentos artísticos das décadas de 1960 e 1970. A contracultura, ao pregar a dessacralização e democratização do espaço cultural e contestar a subordinação das cidades aos interesses econômicos, incentivava a ocupação (legal e ilegal) de edifícios abandonados ou subutilizados para fins habitacionais ou socioculturais. A contracultura assumia, portanto, um caráter contestador e transgressor que veio a negar convencionalismos de diversas ordens, inclusive os acadêmicos.

Sem recursos, essas ocupações sofriam adaptações leves que suportassem transformações constantes ao longo do tempo, ou seja, que pudessem ser desmontadas ou descartadas (PAULINO, 2015; LA VARRA, 2009). O caráter provisório justificava o emprego de materiais reciclados, baratos, precários, por vezes, inapropriados. Eram montados *in loco*, compondo uma bricolagem quase artesanal de materiais industrializados. A eles, somavam-se o emaranhado de instalações – dutos, cabos, luminárias, neon, isolamentos térmicos e acústicos – que, expostos sem ornamentos ou acabamentos, aliviava orçamentos. O desnudamento, tal como a “verdade dos materiais” do pragmatismo modernista, ganhava nova expressão formal (DIEZ; DI PECO, 2013).

Por outro lado, o desgaste de cores e texturas, o quebrado, o inacabado eram acatados, explicitando uma desejável “pátina do tempo”, reveladora do passado. Expressavam o que Huyssen (2006) chama de “nostalgia pelas ruínas”. Numa promessa de futuro alternativo, perdido na contemporaneidade, os elementos que sucumbiam ao tempo passaram a ser valorizados, por uma presumível capacidade rememorativa, uma competência de comunicar o passado. O abandonado, o obsoleto, o decadente, foram então estetizados, para simbolicamente revelarem o que nem sempre era visto ou procurado (SANTIAGO, 2015; PAULINO, 2015; LA VARRA, 2009; CRISMAN, 2007).

Tais intervenções – bricoladas e impregnadas pela pátina do tempo – eram, recorrentemente, desenvolvidas pela atuação colaborativa e participativa dos artistas e comunidades envolvidas, relativizando, portanto, a importância do papel autoral que a disciplina sempre defendeu.

PATRIMÔNIO, PLANEJAMENTO E PROJETO

Apesar de não envolverem necessariamente intervenções em bens patrimoniais, essas estratégias respondiam, em parte, a princípios da Teoria da Restauração, como a legibilidade e a reversibilidade (BRANDI, 2004). Ao contrastarem com as características formais e construtivas das pré-existências, não estabeleciam falsos históricos e, ao se pretenderem leves, garantiam a autenticidade da obra e facilitavam eventuais intervenções futuras. Faziam isso, contudo, de modo transgressor, por motivações econômicas e pela busca de uma estética-outra,

pois não tinham o compromisso com a integridade física da obra, nem muito menos com a busca de uma harmonia entre partes ou de uma unidade potencial.

Assim, o fenômeno da estética *decadente*, claramente, se contrapunha aos conceitos tradicionais do campo disciplinar – a estabilidade, o firme, o perene, ou ainda, o limpo, o asséptico, o ordenado. O fenômeno questionava os rigorosos receituários das cartas patrimoniais e, segundo Marques (2019), a utopia modernista da industrialização e da standardização, do uso racional do ferro, concreto e vidro.

Por outro lado, a propagação desse gosto pela ruína, engendrado “fora” da disciplina, induziu a uma vontade excessiva de manter bens que nem sempre possuíam valores patrimoniais, relativizando a própria definição de disciplinar de patrimônio. O fenômeno da *patrimonialização* (CHOAY, 2008) *das cidades, observado a partir disso, pode se expressar nos debates sobre o que preservar-remodelar-demolir promovidos pelos planos de requalificação urbana.*

Com o “patrimônio ampliado”, tais planos deslocaram o interesse de conservação de monumentos isolados para conservação de tecidos históricos urbanos e paisagens. A *conservação crítica*,⁴ com suas cartas e recomendações universais e, por vezes, pouco sensíveis às especificidades locais, cedeu lugar à *conservação integrada*. O planejamento passou a contemplar, além do aspecto físico, aspectos ambientais e sociais. Para tanto, foi proposto que os critérios passassem a ser definidos caso a caso, discutidos em equipes multidisciplinares e em processos participativos (NEVADO, 2018). Dessa forma, as próprias regras foram gradativamente desestabilizadas, para serem continuamente revisadas.

A ausência de ideais ou modelos a seguir, no interior das disciplinas, pode ter levado à processual assimilação do que Díez e Di Peco (2013) chamam de novo “informalismo”. As decisões passaram a ser guiadas pela subjetividade e sensibilidade artística do profissional ou comunidades envolvidas, abrindo-se à experimentação projetual e aos erros. Nesse processo experimental, além do desejo pessoal e comunitário, as limitações impostas pelos condicionantes passam a ser exploradas como potencialidades, como expressão de uma autenticidade, afastando assim as ideias de modelos, de ideal e de perfeição:

A informalidade evita seguir normas, principalmente evita as regras conhecidas, as convenções, as “formalidades”. Prefere, portanto, o diferente. Não sendo normativas, suas manifestações são extremamente variadas, e podemos advertir que sensibilidades artísticas muito distintas podem conviver sobre o mesmo signo da informalidade. [...]. O informalismo manifesta-se em uma valorização do aleatório, do espontâneo, das condições do próprio material e dos condicionamentos de sua aplicação. Isto é, um novo interesse por tudo aquilo que é circunstanciado, onde a forma é a expressão tanto de um desejo primitivo, [...] quanto das limitações que as circunstâncias oferecem. Estas já não são vistas como uma dificuldade, mas como uma oportunidade. [...] Esses condicionantes, longe de serem percebidos como

4 Se relaciona com a Teoria del Restauro de Brandi e a Carta de Veneza, da década de 1960. Desde então, é tratada como doutrinas universais, suportadas por organizações internacionais (UNESCO; ICOMOS). Sobre a relação dessas doutrinas e identidades locais, consultar Nevado (2018).

demérito, são percebidos como uma marca de autenticidade [...]. Por isso a noção de perfeição é totalmente alheia a essa sensibilidade, não há um ideal ao que se aproximar. Há, em troca, uma sinceridade que deve se manifestar livremente, sem restrições. Por essa razão, a noção de erro também lhe é alheia, pois, não havendo modelo, não pode haver desvio (DIEZ; DI PECO; 2013, p. 90).

Decorrem desse informalismo dois aspectos que impactam diretamente as estruturas disciplinares. O primeiro diz respeito à relativização da importância do projeto ou do planejamento prévio em favor da montagem acidental *in loco*, do “testemunho da própria ação da realização da obra” (DIEZ E DI PECO, 2013, p. 90) (Figura 3). O segundo se refere à dessacralização do objeto estetizado em favor de um “aspecto socialmente justo”, o que justifica, muitas vezes, a sua aparência rudimentar.

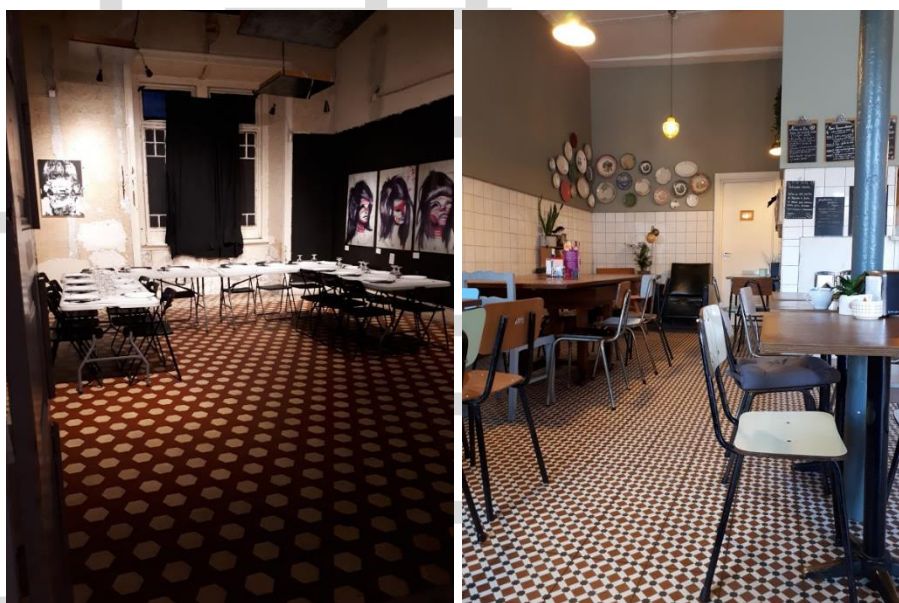


Figura 3: Interiores – Centro Cultural Fábrica Braço de Prata e Café com Calma. Marvila – Lisboa. Fonte: Acervo da autora.

QUANDO O DECADENTE VIRA TREND...

No início do século XXI, o discurso estético da *decadência* passou a ser defendido por outra comunidade cultural, aquela intitulada como *cool* ou *hipster*. Vinculada ao fenômeno do *hipsterismo*, segundo o antropólogo Iñaki Domínguez (2018), essa comunidade é global e tem sido impulsionada pelos meios de comunicação. Retrata uma geração que não tem a que evocar e que busca se distinguir por meio do consumo não luxuoso de “constelações identitárias” – indumentárias, imagens, alimentos, turismo, lugares. Viver ou frequentar um bairro *hipster*, por exemplo, pode tornar as pessoas mais especiais, mais distintas.

Para atender aos desejos de distinção, o fenômeno saiu do pavilhão da contracultura e ganhou o bairro. Assumiu escala urbana! Áreas *hipsters* em cidades de todo mundo passaram a ser mapeadas em *websites*, como o *Hoodmaps* (ZORN, 2018),

e *blogs*, como o *Uniplaces* (SHARMA). Ali, como “novidades” para investidores e consumidores, estão apresentados territórios ocultos ou abandonados nas cidades com atmosferas saudosistas, ou seja, áreas que estimulam a “nostalgia da ruína”.

Recorrentemente, o mapeamento recai em áreas pós-industriais, com galpões, infraestruturas e vilas operárias que, após as décadas de 1970-1980, caíram em desuso ou subutilização em várias partes do mundo.⁵ Subestimadas por um longo tempo, apesar de suas centralidades e infraestruturas, tais áreas passaram a despertar interesses recentes de diversos setores.

Inicialmente, os *hipsters* encontraram imóveis baratos que permitiam investimentos baixos e rápido retorno. Artistas e ativistas culturais viram nas ruínas e escombros dessas áreas condições ideais para intervenções que dessem visibilidade à deteriorização da vida urbana. Sem o papel do profissional e até mesmo do projeto, ou seja, atuando “fora” da disciplina, a *decadência* foi estetizada e sua turistificação foi moldando o desejo de viver “o e no precário” (Figura 4). Esse desejo, cooptado como consumo, levou a investimentos imobiliários e públicos, travestidos por gestos nobres de “requalificação urbana” (KENDZIOR, 2014).

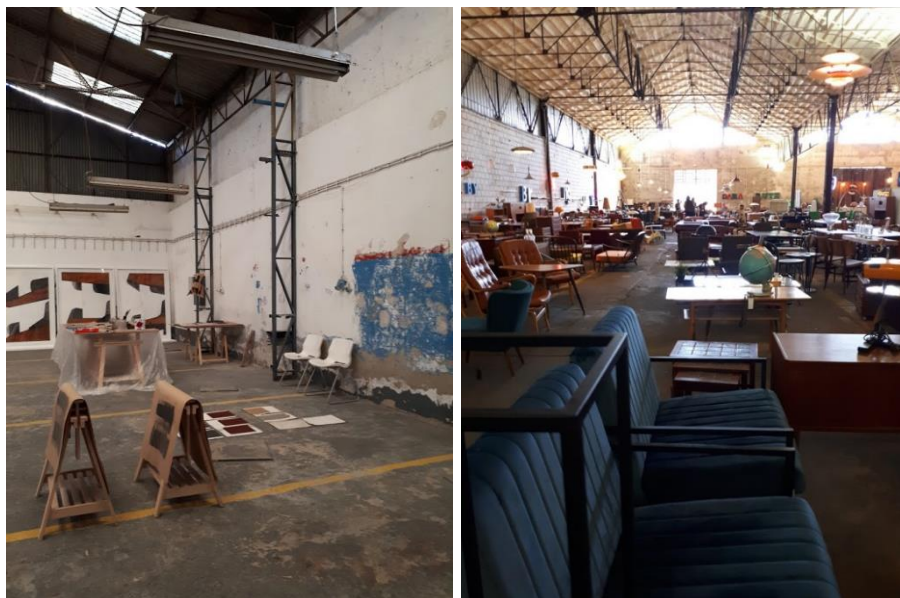


Figura 4: Interiores – Studio Tomaz Hipólito e Loja Cantinho do Vintage. Marvila – Lisboa. Fonte: Acervo da autora.

Guiadas por um marketing sensorial, o conjunto dessas ações transforma o valor de culto do patrimônio em valor de exibição e as cidades, em parques de diversão teatralizados, tematizados. Setores ou distritos culturais viram *trends*, agregando antigos edifícios transformados, em sua maioria, em centros culturais e/ou programas “alternativos” ligados à indústria criativa e ao empreendedorismo colaborativo. Casas noturnas, galerias, ateliês, *coworkings*, cafés, bares, restaurantes, parques de lazer multiplicam-se. Neles, desfilam os *hipsters*, os *cool*

⁵ O fenômeno é global. A busca por terrenos mais amplos e baratos, a obsolescência de antigas instalações diante de inovações operacionais e a descentralização e terceirização de atividades fabris levaram ao reposicionamento de grandes complexos industriais e portuários (OCHOA, 2015).

ou os “burgueses boêmios” — jovens, diplomados, endinheirados (LIPOVETSKI; SERROY, 2015; KENDZIOR, 2014).

A porção pós-industrial da freguesia de Marvila em Lisboa, ou Marvila Velha, ilustra o argumento. Mapeada como *hipster* pelo referido *blog* Uniplaces, a área é também assim adjetivada em diversas outras manchetes – “Marvila: o novo bairro *cool* de Lisboa” (AXPE, 2017); “E com vocês, Marvila: o bairro mais *hipster* de Lisboa” (VERANO, 2017); “Que Marvila: explorando o bairro mais *cool* de Lisboa!” (DANTAS, 2018). Cafés, restaurantes, cervejarias, lojas e espaços culturais concentrados, principalmente, ao longo da Rua do Açúcar, exibem uma atmosfera decadente, pronta para o consumo de lisboetas e de turistas afoitos por novidades (Figura 5). São espaços que, muitas vezes, emergem sem projeto arquitetônico formal ou legal e que sustentam alguma clandestinidade, como ilustra o restaurante “Aquele Lugar que não Existe” que, além do sugestivo nome, não obedece a qualquer normativa contra incêndios. Por outro lado, são intervenções que mobilizam a atuação participativa e colaborativa de vários agentes na sua execução, inclusive mão de obra local (LÖNNERVALL; SUNDELL, 2018).



Figura 5: Antiga Fábrica Abel Pereira da Fonseca. Hoje, café e coworking. Marvila – Lisboa.
Fonte: Acervo da autora.

O mesmo marketing sensorial também é explorado no reuso de velhos edifícios para habitação. Vende-se o diferencial de “viver num *loft*”, com seus pés-direitos altos, plantas livres e materiais rústicos. São, contudo, experiências tímidas do ponto de vista quantitativo. As necessidades de compartimentação do programa habitacional, com demandas de ventilação, iluminação e instalações, e de acabamentos internos sofisticados, para as necessidades prolongadas de limpeza e higiene, são mais complexas e onerosas se comparadas a simples adaptação das plantas-livre industriais e à estética rústica ou “industrial-chic”, assimilada

pelos programas culturais (GUIDOLIN, 2016). Na habitação, a decadência é, muitas vezes, só “casca”.

O Hub Criativo do Beato, uma antiga Fábrica da Manutenção Militar, ilustra uma das poucas propostas de reuso habitacional na freguesia do Beato, vizinha à *hipster* Marvila (Figura 6). Com uma vasta área, o programa enfatiza espaços dedicados à indústria criativa e tecnológica e apenas um de seus edifícios se volta ao programa habitacional. Nele, são propostas residências partilhadas (*colivings*) que usufruem de amplas áreas de uso comum, dedicadas exclusivamente aos condôminos do Hub, ou seja, um público temporário e não enraizado no local (STARTUP, n.d.). A prescrição para intervenção neste edifício, assim como nos demais, obedece a normativas de cartas patrimoniais e exige a atuação de profissional responsável, ou seja, valores cultivados “dentro” da disciplina e que se contrapõem às reabilitações “alternativas” observadas no entorno. Com dificuldades para captar investimentos, o cronograma de implementação do complexo está atrasado, restando se questionar qual “atmosfera” os *colivings* irão assumir, frente ao desafio de compatibilizar investimentos e rendimentos.



Figura 6: Hub Criativo do Beato – vistas interna e externa. Beato – Lisboa. Fonte: Acervo da autora.

De qualquer modo, assim como neste projeto, os reusos habitacionais em projetos de requalificação espalhados pelo mundo são quantitativamente tímidos e pouco dedicados às demandas das comunidades locais. Normalmente, negam os potenciais das funções habitacionais como animadoras da vida urbana e resignificadoras de valores patrimoniais. Isolados, são apenas pequenas “iscas”

que despertam no estrangeiro, no habitante temporário ou no turista do *Airbnb*, o desejo de consumir sensorialmente a “exótica rotina doméstica de um *loft*” para, na sequência, abandoná-lo.

Em paralelo a esse cenário, a habitação em larga escala é promovida em novos e rentáveis empreendimentos privados que se beneficiam da infraestrutura existente. São apresentados como “projetos-âncoras” de requalificação do território, estimulados por diversos instrumentos legais e sofisticadas estratégias de marketing que se apoiam na figura de arquitetos *pop-star* que, bem remunerados, recusam desenvolver práticas participativas e colaborativas apregoadas por aqueles que atuam “fora” do campo disciplinar. Essas mesmas estratégias de marketing ainda exploram a imagem do patrimônio local, ironicamente, descaracterizado ou explorado a baixo custo por estes mesmos empreendimentos.

O Complexo Jardins Braço de Prata (1999-2011), do arquiteto Renzo Piano, é um dos projetos-âncora de Marvila. Com comércio, serviços e 500 habitações de luxo distribuídas em nove hectares, o projeto descaracteriza o tecido físico do bairro, com suas tipologias industriais e seu tecido social, com sua população de origem operária que não terá aporte financeiro para morar no complexo. O mesmo pode ser especulado com relação ao complexo da Fábrica de Gás da Matinha, em que estão previstos edifícios em altura, parque urbano e o reuso de gasômetros, únicos remanescentes industriais, como escritórios e hotéis (Figura 7).



Figura 7: Complexo Jardins Braço de Prata - em execução. Renzo Piano e CPU, 1999-2011. Marvila – Lisboa. Fonte: Acervo da autora.

A falta de interesse no reuso habitacional em larga escala e os novos megaprojetos, por sua vez, se juntam ao processo de transformação do uso do solo, promovido pela especulação imobiliária que explora os atrativos das reabilitações em curso. Os preços de aluguel e de venda são inflacionados, alguns imóveis permanecem fechados para aguardar uma maior valorização e outros são

propositalmente deteriorados para justificar uma posterior demolição e construção de empreendimentos mais rentáveis. O abandono observado é acompanhado por mecanismos de suspensão de garantias contratuais de antigos inquilinos que, sem condições de pagar os novos aluguéis, são forçados a sair e viver em outros lugares.

Esse cenário pode ser retratado pela referida Rua do Açúcar de Marvila. Nela, janelas vedadas por tijolos explicitam o abandono da exuberante Casa José Domingos Barreiro. Mais adiante, o Prédio Santos Lima, uma antiga vila operária negociada numa operação imobiliária obscura, testemunha o despejo de dezessete famílias. Nele, reformas não regularizadas apontam para a intenção de impor um novo padrão espacial, bem ao gosto do consumo *hipster* ou de endinheirados adeptos ao “industrial chic” — o apartamento-duplex (STOP, 2019).

Os investimentos em curso, portanto, exploram o imaginário estético industrial e sua *charmosa* decadência pós-industrial para oferecer habitação ao consumo de um público seletivo. As ofertas das reabilitações de uso, como nas ocupações *hipsters* ou no Hub Criativo Beato, e dos novos empreendimentos, como no Complexo Jardins Braço de Prata, somados à especulação imobiliária, alargam o problema da carência habitacional de baixo custo em Lisboa e alimentam, direta ou indiretamente, os severos processos de gentrificação da sua população⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração da *decadência* na cultura arquitetônica e urbanística atual não pode ser entendida apenas como um simples fenômeno estético. Ela nasce fora da disciplina, mas reverbera profundamente sobre ela. Tece importantes relações dialéticas entre prática e teoria, ação e reflexão, desestabilizando valores que se mantinham estáticos e totalizantes por muito tempo.

Essa nova condição, contudo, tão pouco se estabiliza. Pelas sobreposições constantes de valores na contemporaneidade, a *decadência* é rapidamente cooptada pelo poder dominante e transformada em desejos de consumo que têm impactado, de modo perverso, a vida social urbana. Insta-se uma instabilidade que sugere ser uma nova crise ou não seria uma permanente crise?

Um dos principais impactos dessa crise se faz presente nos projetos de requalificação de áreas pós-industriais, em que o tema da *decadência* é potente pelo abandono delas após os anos 1970-1980. Um marketing sensorial tem definido as intervenções de reuso mais rentáveis, centrando-as nos espaços de cultura e lazer, o que intimida o potencial da habitação para resignificar patrimônio e para animar a vida urbana. Por outro lado, a habitação em larga escala, contemplada em empreendimentos novos, é habilmente mercantilizada a partir da exploração da atmosfera *decadente* do seu entorno. No saldo das duas ações, imóveis existentes são abandonados ou precarizados, com vistas à valorização do edificado ou do terreno, ou são hipervalorizados, impondo à

6 Kendzior (2014), ao tratar a gentrificação em áreas *hipsterizadas*, alerta que, depois que essas áreas caem no modismo e são valorizadas, os *hipsters* as abandonam novamente, sedentos por “inovações vanguardistas”, o que abre novo espaço para investidores do mercado imobiliário.

população empobrecida local o abandono de suas casas, ou seja, instalando processos de gentrificação.

A comercialização desse imaginário estético, portanto, possui efeitos colaterais éticos e se transforma em mais uma engrenagem do motor que faz das cidades um palco de contradições em que, ao mesmo tempo, a habitação é promovida e suprimida e a ruína física impulsiona a ruína social. A crise deflagrada, mais uma vez, impactará as disciplinas e exigirá revisões das suas regras e *modi operandi*? Recairá em qual campo disciplinar? Junto aos que atuam “dentro” ou “fora” dessa disciplina ou a ambos? Como isso se dará? Assumirá uma posição aberta, derivante, continuamente vigiada e questionada, como sugere Harvey (2016)?

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Habitar e construir. **Punkto**, Porto, ed. 25, out. 2019. Disponível em: <https://www.revistapunkto.com/2019/11/habitar-e-construir-giorgio-agamben.html>. Acesso em: 19 out. 2019.
- AXPE. **Marvila**: o novo bairro cool de Lisboa. Lisboa, dez. 2017. Disponível em: <http://axpe.com.br/casaportuguesa/marvila-o-novo-bairro-cool-de-lisboa/>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- BRANDI, C. **Teoria da restauração**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- CHABRAD, P. Utilitas, Firmitas, Austeritas. **Punkto**, Porto, ed. 24, verão 2019. Disponível em: <https://www.revistapunkto.com/2017/03/utilitas-firmitas-austeritas-pierre.html>. Acesso em: 10 out. 2019.
- CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- COELHO, A. B. Entre casa e cidade: a humanização do habitar. **Opúsculos**, Porto, Dafne Editora, set. 2009. Disponível em: http://dafne.pt/conteudos/livros/entre-casa-e-cidade/opusculo_18.pdf. Acesso em: 10 jul. 2019.
- CRISMAN, P. From industry to culture: leftovers, time and material transformation in four contemporary museums. **The Journal of Architecture**, v. 12, n. 4, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13602360701614698>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- DANTAS, P. I. **Que Marvila**: explorando o bairro mais cool de Lisboa! Lisboa, fev. 2018. Disponível em: <https://chickenorpasta.com.br/2018/marvila-o-bairro-mais-cool-de-lisboa>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- DIEZ, F.; DI PECO, M. A forma do informalismo. **Summa +**, Buenos Aires, p. 90-97, ago. 2013.
- DOMINGUEZ, A. **La Sociología del Moderno**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2017.

- GUIDOLIN, F. Improving Strategies for Functional Upgrade for An “Integrated Rehabilitation”. In: **3o International Academic Conference: Places and Technologies**. Belgrado, 2016. Disponível em: <http://www.placesandtechnologies.eu/wp-content/uploads/2016/04/Book-of-Proceedings-Digital-687-750.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2006.
- HUYSEN, A. Nostalgia for Ruins. **Grey Room**, n. 23, p. 6-21, 2006, .
- KENDZIOR, S. Gentrificação: os perigos da economia urbana hipster. **ArchDaily Brasil**. 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/758003/gentrificacao-os-perigos-da-economia-urbana-hipster>. Acesso em: 24 set. 2018.
- LA VARRA, G. Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea (pp. 46-47). In: PERAN, Martí. (Dir.). **Post-it City: Cidades Ocasioneis**. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2008.
- LEFEBVRE, H. **O Direto à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIPOVETSKI, G.; SERROY, J. **Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo**. Artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LÖNNERVALL, S.; SUNDELL, M. **Hub Criativo do Beato: For whom by whom? A narrative study of global entrepreneurial and creative urban practices in the eastern riverside of Lisbon**. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Design Urbano Sustentável) - Royal Institute of Technology (KTH), Estocolmo, 2018.
- MARQUES S. C. Vida útil? Temporalidade e espacialidade contemporâneas na arquitetura. **Revista Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 8, out. 2019. Disponível em: http://www.escoladacidade.org/wp/wpcontent/uploads/191011_RC_n8-2.pdf. Acesso em: 24 jan. 2020.
- NEVADO, A. C. S. **Da expansão à recentralização - do território ao património: a regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994)**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia)–Instituto Universitário de Lisboa, 2018.
- OCHOA, A. R. Dinâmicas de crescimento em metrópoles portuárias: tensões a oriente da cidade de Lisboa. **On the Whaterfront**, n. 7, set. 2005.
- PAULINO, D. M. M. **Adaptação de património industrial a espaços expositivos informais: o caso da LX Factory**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)—Universidade Técnica de Lisboa, 2015.
- POTESTAD, M. de; PASCAL, P. **Vintage Industrial: Living with Machine Age Design**. New York: Rizzoli, 2014.
- SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- SHARMA, S. **The 12 Hippest Neighbourhoods in Europe for Trendy Students**. Disponível em: <https://blog.uniplaces.com/recent-articles/hippest-neighbourhoods-europe-trendy-students/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

STARTUP LISBOA. **Hub Criativo do Beato**. Disponível em: <https://www.startuplisboa.com/hcb>. Acesso em: 23 jan. 2020.

STOP Despejos. **A Luta das Famílias do Prédio Santos Lima**. Direção Left Hand Rotation. Lisboa, jul. 2018. Disponível em: <https://vimeo.com/281132027>. Acesso em: 23 jan. 2020.

VALENCIA, N. Iñaki Domínguez sobre gentrificación, brunch y hipsters: "Creo que tendemos hacia una homogeneidad global". **Plataforma Arquitectura**, set. 2018. Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/899936/inaki-dominguez-sobre-gentrificacion-brunch-y-hipsters-creo-que-tendemos-hacia-una-homogeneidad-global>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VERANO, R. **E com vocês, Marvila**: o bairro mais hipster de Lisboa. Lisboa, maio 2017. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/portugal-lisboa/marvila-onde-lisboa-e-mais-hipster/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ZORN, A. Onde estão os hipsters em sua cidade? Descubra com estes mapas colaborativos. **ArchDaily Brasil**, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/876027/onde-estao-os-hipsters-em-sua-cidade-descubra-com-estes-mapas-colaborativos>. Acesso em: 24 set. 2018.